

# clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido  
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



## ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

**“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial**

Por Carolina Rocha

**O grito de independência das mulheres latino-americanas**

Por Lília Macêdo

## ENTREVISTAS

**Bila Sorj**

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

**Hebe Vessuri**

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

## RESENHAS E CRÍTICAS

**“União Operária”, de Flora Tristán**

Por Felipe da Silva Santos

**“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici**

Por Mariane Silva Reghim

## AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

## TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

## **clássicas**

### **editoras**

Marcia Rangel Candido  
Verônica Toste Daflon

### **assistente editorial**

Mariane Silva Reghim

### **projeto gráfico**

Ana Bolshaw

### **ilustração de capa**

Sophia Pinheiro

### **autoras**

Anita Guerra  
Carolina Rocha Silva  
Felipe da Silva Santos  
Lília Maria Silva Macêdo  
Lolita Guerra  
Lorena Miguel  
Luna Campos  
Mariane Silva Reghim  
Nicole Midori Korus  
Teresa Soter Henriques  
Vaneza de Azevedo

### **comitê editorial**

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)  
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ  
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/  
UERJ  
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ  
Marcelo Borel, IESP/UERJ  
Marcia Candido, IESP/UERJ  
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ  
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ  
Natália Leão, IESP/UERJ  
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

### **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos  
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

# Índice

## apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON \_\_\_\_\_ 6

## entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO  
NO BRASIL  
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON \_\_\_\_\_ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS  
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA  
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON \_\_\_\_\_ 10

## clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA  
SOCIOLOGA  
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL \_\_\_\_\_ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:  
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS  
LUNA CAMPOS \_\_\_\_\_ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE  
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN  
TERESA SOTER \_\_\_\_\_ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE  
E DIREITOS  
VANEZA DE AZEVEDO \_\_\_\_\_ 52

## artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO  
ESSENCIALISMO FEMININO  
ANITA GUERRA \_\_\_\_\_ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL  
CAROLINA ROCHA \_\_\_\_\_ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS  
LÍLIA MACÊDO \_\_\_\_\_ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA  
LOLITA GUERRA \_\_\_\_\_ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE  
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO  
NICOLE MIDORI KORUS \_\_\_\_\_ 110

## resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN  
FELIPE DA SILVA SANTOS \_\_\_\_\_ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",  
DE SILVIA FEDERICI  
MARIANE SILVA REGHIM \_\_\_\_\_ 130

# Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e  
Verônica Toste Daflon**

# Uma brasileira ilustre: Nísia Floresta e a luta por liberdade e direitos.

Vaneza de Azevedo

## resumo

A obra da escritora brasileira Nísia Floresta fora em grande medida investigada a partir do seu papel enquanto educadora e diretora do Colégio Augusto, relegando-a ao esquecimento no que se refere à história intelectual, e à Literatura de Viagem. Este artigo pretende refletir sobre um de seus relatos de viagem, focalizando na narrativa de sua visita à cidade de Marselha. A análise das correlações entre a experiência na Europa e no Brasil – uma constante em seu trabalho - e a ênfase dada, principalmente, às descrições da vida de mulheres compõe a paisagem dos relatos de Nísia, dando-nos um panorama de sua trajetória pessoal e intelectual.

## palavras-chave

Nísia Floresta; Relatos de Viagem; Séc. XIX;  
Direito das Mulheres; História Intelectual

O ano é 1858. Uma mulher detém-se na janela de um expresso que liga Paris a Marselha. Ela está a admirar a paisagem. Ao vislumbrar o Mediterrâneo “tão profunda e viva impressão” percorre seu corpo, e dele emergem as lembranças de inúmeras histórias das nações que abriram caminho pelo mar e do impulso humano que o explorou. A paisagem mediterrânea também suscita a memória da terra natal banhada pelo Atlântico, com suas palmeiras, mangueiras e jaqueiras; o Brasil.

Do mirante da Igreja de Notre-Dame de la Garde essa mulher observa Marselha, uma cidade mercantil e dada ao trabalho, e vê o *Castelo de If*, uma das muitas imagens formadas em sua alma pelas narrativas europeias lidas ao longo dos trinta e nove anos vividos no Brasil.<sup>1</sup> Ela se lembra, sobretudo, de “O Conde de Monte Cristo”, romance escrito por Alexander Dumas.

A figura da viajante, legada a nós por seus diários e demais publicações e que se prepara para em breve dar início a mais uma de suas longas viagens, é a da escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta. No livro “Três Anos na Itália seguido de uma viagem à

Grécia” (*Trois ans em Italie, suivis d’un Voyage em Grèce*) publicado em 1864, Nísia começaria a narrar sua jornada nas terras dos clássicos, ao acompanhar o movimento de unificação italiana.

Durante a viagem que está por começar, a partir do Porto de Marselha, Nísia definiria a si mesma como “dédalo no exílio”. Desde a primeira estadia na Europa – com a desculpa de sarar uma suposta queda de cavalo sofrida por Lívia, sua filha – Nísia resolvera residir em Paris. Aos seus olhos, Paris era uma “Atenas moderna” (Lucio, 1999) para a qual retornara no ano anterior, depois de uma rápida viagem pela Alemanha.

No entanto, não era de Paris que nossa viajante teria precisado sair às pressas, mas sim, do Rio de Janeiro. Devido à grande repercussão do livro “A lágrima de um Caeté” – obteve duas tiragens seguidas em maio e junho de 1849 – sobre a Revolução Praieira, ocorrida em Pernambuco no ano anterior. O poema de 712 versos correlaciona o massacre contra os índios promovido pelos colonizadores, com a morte dos insurgentes nas mãos das tropas monárquicas.

Quando pôs os pés pela primeira vez na Europa, na Paris de 1849, nossa viajante encontrou um clima conturbado, que ainda reverberava os desejos da Primavera dos

1 A primeira viagem de Nísia para Europa ocorreu no dia 2 de novembro de 1849. Especula-se que devido à repercussão de “A lágrima de um Caeté”.

Povos (Hobsbawn, 2004). Quase dez anos depois, ao visitar Marselha, deseja ouvir entoarem a *Marselhesa*<sup>2</sup>. Os movimentos revolucionários, testemunhados a princípio no Brasil, foram alvo de seu interesse e ainda que mal fadados, trouxeram-lhe a esperança vitória dos ideais republicanos.

A lembrança do hino heroico da 1<sup>o</sup> Internacional lhe aguça os sentidos, a imaginação; Nísia deseja entusiasmar também as ruas de Marselha e revelar-lhe os encantos republicanos de cidade romana há muito perdidos. Remete-se para tanto às figuras de Brutus e Platão, as figuras simbolicamente virtuosas e dignas que povoavam o imaginário republicano, visto sua oposição aos governos autoritários.

A narrativa de Nísia é construída através de um processo de criação, muito em voga à época, que consistia em citar e descrever – seguindo o modelo dos guias de viagens – os acontecimentos que se passaram em

2 Ao longo do século XIX, *La Marseillas* fora apropriada e resignificada por vários movimentos revolucionários conforme os apelos de liberdade. Sendo muito entoado pelos revolucionários de 1830 e 1848. Durante o Império de Napoleão II, o hino foi banido em todo o território francês, como afirma Nísia em Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia. Vol I Pp. 7.

determinada cidade, país e paisagem visitada. Muitos desses guias apresentavam passagens de romances com as descrições – feitas pelos personagens – ao longo dos territórios de países abordados pelo livro.

A busca por tais referências demonstra a produção de uma narrativa, cujo ponto de partida se dá pela inserção em um campo literário reconhecido e extremamente difundido no século XIX. Tal perfil, no entanto, somente corresponde a mulheres como nossa Nísia Floresta, pertencentes às classes altas da sociedade brasileira. Como evidencia em sua passagem pela Alemanha ou no interior da França, as mulheres pertencentes às classes mais baixas da sociedade – respectivamente, operárias e camponesas – trabalhavam duro nas fábricas e nos campos. Elas tinham direito a expor-se publicamente e fazer uso de suas próprias economias.

Nísia – no Brasil ou na Europa – esteve preocupada em registrar a vida das mulheres comuns. A autora traça paralelos entre as experiências europeias e brasileiras dando ênfase ao deslumbre vivido nas cidades com o aparente progresso da civilização. Fazendo com que uma parte da alta sociedade delegue seus afazeres, suas responsabilidades as serviçais. Explorando-as de maneira que estas sejam, descritas por Nísia, como

extremamente sobrecarregadas, fatigadas e desnutridas<sup>3</sup>.

E ainda sobre a insegurança sentida em meio ao porto de Marselha, vislumbrando todo o itinerário a ser percorrido na viagem pela Itália, Nísia decide voltar-se para o passado republicano. A cidade de Marselha, reavivada pelos ouvidos de Nísia que a cada esquina ouvia tocarem a *Marselhesa*, retorna assim aos áureos tempos de cidade romana, cidade cujos fundamentos políticos são republicanos, universalistas, igualitários. O *Castelo de IF*

3 No artigo “A mulher” (1997), original de 1857, Nísia fala de sua viagem ao interior da França. Acompanhada de uma senhora de suas relações, a autora visita uma aldeia a 20 léguas de Paris. A amiga não identificada parte em busca do neto enviado ao interior, pelos pais, no intuito de ser aleitado no campo. O que encontram é um cenário devastador, uma criança esquelética, que aos três anos tem dificuldade de andar e vive no ambiente impregnado de miasmas do celeiro. Uma curiosidade tão grande quanto a pena sentida, frente ao padecimento da inocente criança e do horror do abandono deste pelos pais, faz Nísia desejar estudar esse hábito francês de enviar crianças para serem amamentadas no interior. Continua sua estadia conversando com as mulheres dos arredores da casa da pastora, na qual fica hospedada pelo asseio das instalações. Vê então, uma imensa quantidade de mulheres trabalhando enquanto amas de leite, ao mesmo tempo, em que acumulam as funções de trabalho na roça. Critica de maneira enfática as famílias – fazendo longas ressalvas no caso das amas da roça, visto a necessidades materiais que as fazia aceitar a função – que enviam seus filhos para o interior, explorando as necessidades das camponesas e suas condições de vida miserável, enquanto gozam do luxo e se gabam de sua modernidade. Comenta a existência de creches para filhos de operários nas áreas urbanas, enfatizando o recorte de classe daqueles que utilizam esse serviço, ou seja, os pobres. Nísia vê no envio das crianças para creche, uma solução possível para o fim do abandono dos pequeninos e a exploração das moças da roça. No entanto reconhece que devido ao orgulho e vaidade das classes mais abastadas, o envio para creche seria um entrave social. Deste estudo específico, a autora extrapola o espaço do acontecimento e passa a analisar a modernidade, o progresso, os congressos científicos e literários que em sua opinião eclipsam a sujeição, as vítimas, os inocentes que padecem por trás de tamanha ostentação. Concluindo ser a causa de tal desigualdade a falta de uma educação capaz de fortalecer o espírito na execução do dever e na razão em benefício do outro. Sendo tal processo educativo possível somente através da capacidade natural das mulheres para a caridade. Desta forma, sem uma educação ampla que ofereça abertura para as mulheres trabalharem seu intelecto e oferecerem ao mundo dos homens um saber completo que reúna razão – cultura – e emoção – caridade –, não há possibilidade de extinção das desigualdades.

visto do porto de Marselha é a ruína marcada pela presença de inúmeras figuras históricas e literárias, presas devido às reviravoltas políticas resultantes de cada tentativa de revolução.

Desta forma, o itinerário de Nísia persegue a senda dos ideais românticos e republicanos de liberdade. Marselha será um ponto de inflexão – como o fora para Edmond Dantés – na senda dos espíritos que não se domam frente às injustiças e prosseguem em sua jornada, apesar de grandes adversidades e em meio à perda de seus entes queridos.

### Sobre Nísia Floresta:

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi uma escritora e educadora oitocentista, nascida em 12 de Outubro 1810 na Vila Imperial de Papari, província do Rio Grande do Norte. Foi fundadora e diretora do “Colégio Augusto” para moças, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. No colégio eram ensinados, além das prendas, o português, o francês, o italiano e geografia. Nísia ficou amplamente conhecida por ter acompanhado as preleções de Auguste Comte sobre o método positivo. Posteriormente, tornaria-se próxima ao filósofo, com quem passaria a se corresponder. Dentre suas obras mais



conhecidas estão: “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” (Recife,1832) – uma tradução livre de “Vindication of the rights of woman” de Mary Wollstonecraft –, “Conselho a minha filha” (Rio de Janeiro, 1842), “A lágrima de um Caeté” (Rio de Janeiro, 1849), “Opúsculo Humanitário” (Rio de Janeiro, 1853) e “Scintille d’un’Anima Brasileira”(Itália, 1857).

### **Referências bibliográficas**

FLORESTA, Nísia. (1997) “A mulher”. In: Cintilações de uma alma brasileira. Introdução de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres. p. 83 à 159.

HOBSBAWM, Eric. (2004) “A Primavera dos Povos”. In: A Era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 27-50

LUCIO, Maria Valéria Marinho (1999). Uma viajante brasileira na Itália do risorgimento: tradução comentada do livro *Trois Ans En’Italie Suivis d’un Voyage en Grèce* (vol. I – 1864; vol II – s.d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta/ Sônia Valéria Marinho Lúcio. Campinas: [s.n.].

Vaneza de Azevedo é mestranda na área de Teoria e Historiografia no Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, da PUC-Rio. contato: vanezadeazevedo@gmail.com



**AS EDITORAS:****Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

**Veronica Toste Daflon**

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

**ASSISTENTE EDITORIAL:****Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

**ARTISTAS GRÁFICAS:****Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

**Sophia Pinheiro**

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** ([www.youtube.com/sobreelas](http://www.youtube.com/sobreelas)), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

